

O HOMEM SUPORTE: AS METAMORFOSES DO SUJEITO ENUNCIADOR DIANTE DA CONCRETIZAÇÃO DE SUAS TECNOLOGIAS INFORMACIONAIS

*Henrique Oliveira de Araújo**

Resumo: Este artigo realiza uma reflexão inicial acerca das metamorfoses sofridas pelo sujeito enunciador de mensagens e produtor de significados nas sociedades humanas. Partindo de uma argumentação que foca, principalmente, as evoluções comunicativas dos sujeitos, este texto se propõe a discutir um novo entendimento de fluxo comunicacional, segundo as concretizações tecnológicas da informação, e o porquê da existência e necessidade de novas técnicas e formatos comunicativos para os homens durante sua história. Para chegar às suas conclusões, este artigo lança mão, principalmente, do pensamento do professor canadense Marshall McLuhan e do semiólogo francês Roland Barthes e, com base nos seus entendimentos sobre lingüística e comunicação, tenta culminar em uma formulação própria acerca da comunicação humana.

Palavras-chave: Fluxos comunicacionais. Metamorfose. Sujeito enunciador. Tecnologias da informação.

* Estudante do sétimo semestre do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Artigo apresentado para cumprimento de créditos da disciplina “Comunicação e Tecnologia”, sob a orientação da Profa Ms. Cláudia Albuquerque de Lima, do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas (DFCH), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: hdblack66@yahoo.com.br

Introdução

O mundo é um constante movimento de subjetivação. O homem sempre se apropria da realidade que o circunda e, por intermédio de suas criações míticas e holográficas, recria universos particulares e coletivos, abrangentes e restritos. Em um momento reflexivo acerca dessa apropriação, elucida-se que o homem dialoga com seus objetos materiais e imateriais em um processo que é eminentemente de informação. Barthes (1999, p. 131) nos chama a atenção para o fato de que “cada objeto do mundo pode passar de uma existência fechada, mudar a um estado oral, aberto à apropriação da sociedade, pois nenhuma lei, natural ou não, pode impedir-nos de focar as coisas”. A apropriação e recriação simbólica dos trâmites humanos se fundam conforme uma evolução autônoma. Uma evolução do sujeito e seu relacionamento subjetivo com as fundações que o cercam e os fluxos informacionais que destas aproximações surgem.

Em outras palavras, quando se diz que o mundo existe por uma raiz subjetiva, já se está imprimindo a noção de que o homem e seus contextos nada mais são do que processos de entendimento. Ou seja: a cadeira só existe porque uma imanência informacional calcada sobre os devidos trâmites antropológicos, culturais e sociais que lhe são base, cria um fluxo informacional que diz que aquele objeto corresponde ao conceito de cadeira. Existe uma criação comunicacional, calcada basicamente em palavras (conceitos), que exala a cadeira por seus poros, e esse fluxo de informação não cessa de recriar o mundo conforme uma ordem eminentemente subjetiva, humana.

A humanidade tem o mundo que conhece em suas representações mentais. O material só existe enquanto passa a existir uma enunciação primeira que fornece os elementos para a inicial formulação do mundo como mundo. Logo, a realidade e seus objetos são enunciações.

Ora, se o que se entende por realidade nasce no momento em que passa a existir como enunciação, é natural que se entenda, também, que existe no homem um ser enunciador que foi se reformulando ao

longo dos tempos. Esse ser é a origem da existência, do caos da criação. Esse homem é o próprio Deus da Gênese e, como tal, se metamorfoseia para adaptar-se ao que se cunha como sendo os elementos do seu universo. Ele é constante mudança, porque é vontade de apropriação e domínio, e esse é o início. Essa é a experiência primeira do animal que se emancipa e busca o controle de si mesmo, de seus deuses, faz com que o homem, na condição de artífice e também integrante de um grandioso fluxo informacional, caminhe para a destruição e reconstrução dos seus mundos.

Da liberdade às grades

Marshall McLuhan (1996), em sua lúcida interpretação acerca do surgimento e evolução das correlações entre os homens e o advento de suas técnicas de informação, fez um resgate histórico, para nós, bastante salutar: ele chamou a atenção para o fato de que os meios pelos quais são transmitidas as mensagens têm influência direta na conformação das nossas estruturas perceptivas. Em outras palavras, McLuhan diz que o sujeito enunciador e suas mensagens sofrem influência direta dos meios que criaram para veicular as suas mensagens. Para o professor canadense, existe uma reformulação das mensagens enunciadas diante das diferentes técnicas de comunicação: um homem que emite suas formulações oralmente, por exemplo, nunca o fará da mesma forma que um outro que utiliza o rádio para o mesmo fim. Existe nesse processo uma série de aspectos formais que atuarão de maneira bastante incisiva sobre as formulações de entendimento que encontram seu vigor nas diferentes épocas. É justamente esse fato que vai explicar o “instante” de análise central deste artigo: as tecnologias informacionais no seu momento de anulação do sujeito enunciador.

Ainda em McLuhan, percebemos que as culturas orais são eminentemente contextuais. Para que haja a possibilidade de uma oralidade no processo de difusão dos conhecimentos, tradições, crenças, etc, é preciso a existência de uma aproximação entre os sujeitos. A palavra falada, para ser passada adiante, necessita de uma aproximação entre as

pessoas. Ela precisa estar literalmente perto do seu orador e mestre, para que, assim, possibilite a audição dos conteúdos falados. Isso (essa necessária aproximação) permite que as pessoas estejam em contato e trocando os elementos conformadores dos seus momentos perceptivos. Esses momentos perceptivos, por sua vez, são constituídos de constantes e cortantes subjetivações. Afinal, a palavra falada dá liberdade de recriação por parte de quem a ouve, e faz, também, com que, em um futuro repasse, não se possa mais reproduzir com uma fidelidade copista aquela informação que antes fora enunciada. Tem-se, assim, uma aproximação com formulações da consciência. Os homens podem temperar sua oralidade com as paixões e sentimentos que permeiam sua capacidade interpretativa. O sujeito enunciativo é, em todos os momentos, portanto, ativo, uma vez que precisa estar sempre se reapropriando daqueles conceitos orais e recorrendo à sua memória e consciência para novamente reproduzi-los e difundi-los a outros. Como na *Ágora Tebana* descrita por Sófocles (1980), no tribunal inquisidor de Sócrates ou na primeira manifestação de esfera pública percebida por Habermas, o que havia era uma realidade de construção de conhecimento mais coletiva e participativa: um contexto eminentemente de recriação do sujeito e seus mundos por outros sujeitos que eram guiados por um saber oral e menos rígido.¹

¹ Sobre esta importante percepção das diferenças que as culturas orais nos apresentam, o médico Marcelo Cosendey, sobre o seu contato com a tribo indígena Yawalapitá do Alto Xingu, nos diz:

[...] Pertencente a uma cultura que transmite seus conhecimentos e valores de maneira variada e com intensidades diversas tais como a fala, a escrita e a arte, não deixo de estranhar os diferentes aspectos culturais resultantes de uma forma de transmissão cultural eminentemente oral. Um desses aspectos refere-se aos ritos de passagem a que são submetidos os jovens índios de ambos os sexos. Tanto os meninos como as meninas púberes são isolados do convívio social a fim de que, em reclusão, possam receber os conhecimentos específicos dos gêneros, assim como as tradições coletivas de suas tribos. Durante o período de reclusão, os jovens recebem dos mais velhos (familiares ou aqueles experts em determinados assuntos, como a tecelagem, a guerra ou a tradição religiosa) os ensinamentos que os tornarão aptos a se tornarem parte do coletivo tribal. [...], tal período é que permite a manutenção da tradição oral que possibilita a coesão tribal, assim como a harmonia do convívio entre dez tribos habitantes do Parque Nacional do Xingu. (COSENDEY, 2000, p. 109-110).

Avançando um pouco em sua análise, McLuhan (1996, p. 101) nos coloca a seguinte questão:

Suponhamos que em lugar de ostentar as listras e estrelas, tivéssemos de escrever as palavras “bandeira americana” num pedaço de pano e exibi-lo como pavilhão nacional. Embora os símbolos transmitissem o mesmo significado, o efeito seria bem diferente. Traduzir o rico mosaico visual das listras e estrelas para a forma escrita significaria privá-la da maior parte de suas qualidades de experiência e de imagem corporada, embora o vínculo literal abstrato permanecesse quase o mesmo. Talvez esta ilustração sirva para sugerir a mudança que ocorre com o homem tribal quando ele se alfabetiza. Quase todos os sentimentos familiares, emocionais e grupais, se vêem eliminados nas relações com a comunidade. Ele é livre, emocionalmente, de separar-se da tribo e de tornar-se um homem civilizado, um indivíduo de organização visual, com hábitos, atitudes e direitos iguais aos outros indivíduos civilizados.

Ou seja, a escrita criou uma nova forma de armazenamento e difusão do saber. Criou uma nova forma de fluxo comunicacional e, por isso, um novo entendimento do homem acerca do seu mundo. Diferentemente da oralidade, a escrita faz com que o conhecimento seja rígido, esteja preso somente àquelas formas que se passam pelo papel e pela viabilização do alfabeto fonético, não permitindo uma recriação constante sobre a mesma idéia. Como McLuhan (1996) nos alerta: passou a traduzir toda uma realidade visual com poucos símbolos, que teriam por função recriar a mesma imagem que, concretamente, se mostrava como ícone e símbolo. Não mais se tem aquele acirrado processo de subjetivação e liberdade das culturas orais, mas, sim, um mundo que passa a se reconstruir segundo uma estruturação rígida e enquadrada dos entendimentos. A escrita traduz todo um mundo visual em poucos caracteres e, obviamente, matou muito de sua riqueza, recriando uma cultura visual totalmente reformulada: “culturalmente falando, esta rígida divisão paralelística entre o mundo visual e auditivo foi violenta e impiedosa. A palavra fonética escrita sacrificou mundos de significado e percepção”. (MCLUHAN, 1996, p. 102).

Outra característica relevante para a nossa análise é o fato de que essa mesma escrita e o próprio surgimento do alfabeto fonético no mundo ocidental serviram quase como uma preparação para a tecnologia informacional que mudaria os rumos culturais e perceptivos da humanidade: a imprensa.² Gutenberg e seus famosos tipos móveis fizeram com que o conhecimento pudesse ser estendido a comunidades geograficamente afastadas. Ele deu portabilidade e rápida reprodução ao conhecimento, e isso possibilitou uma difusão mais alargada de um conhecimento que, até então, se restringia aos escribas e copistas da era do papiro e do domínio eclesial. Como nos diz Thompson (1995, p. 220):

As origens da comunicação de massa podem ser ligadas ao século XV, quando as técnicas associadas com a imprensa de Gutenberg foram assumidas por uma variedade de instituições nos maiores centros comerciais da Europa e exploradas para fim de produzir múltiplas cópias de manuscritos e textos. Esse foi o início de uma série de desenvolvimentos que, a partir do século XVI até hoje, conseguiu transformar radicalmente as maneiras como as formas simbólicas foram produzidas, transmitidas e recebidas por indivíduos no curso de suas vidas cotidianas.

Essa reprodução em massa de textos e manuscritos e a facilidade de transportar o material impresso em papel permitiram a construção de memórias mais alargadas, do arquivamento das idéias e das características jurídicas da lei. As idéias deixaram de existir como constantes recriações orais do homem e ganharam o formato rígido da imprensa: o que estava impresso dizia sempre a mesma coisa com os mesmos caracteres. E essa é a essência do público laico dos mundos impressos: a rigidez.

² Obviamente, existiram outras técnicas que, antes da imprensa, serviram ao homem como suporte aos seus diferentes fluxos informacionais. Sobre um desses “momentos técnicos”, por exemplo, Walter Benjamin (1975, p. 11-12) diz:

Os gregos só conheciam dois processos técnicos de reprodução: a fundição e a cunhagem. Os bronzes, as terracotas e as moedas foram as únicas obras de arte que eles puderam reproduzir em série. As demais apenas comportavam um único exemplar, e não serviam a nenhuma técnica de reprodução. Com a gravura na madeira, conseguiu-se, pela primeira vez, a reprodução do desenho, muito tempo antes da imprensa permitir a multiplicação da escrita.

A primeira metamorfose

Mora, na concretização da palavra escrita, a primeira grande metamorfose sofrida pelo sujeito enunciador face às suas tecnologias da informação. Isso pode ser facilmente observado se percebermos, como o fez McLuhan, que o homem muda seus entendimentos de mundo e seus comportamentos à medida que surgem novas técnicas. Concordo. Porém, para o nosso caso, é preciso que se façam mais algumas observações.

Quando a idéia passa a se concretizar em uma forma de armazenamento que escapa dos objetos mentais dos homens (como é o caso das idéias concretizadas em palavras escritas), ela não mais precisa do homem que a criou para sobreviver; a palavra ganha uma vida que transcenderá as vontades subjetivas do seu criador. Viverá por si. Criará forma e se locomoverá por outras percepções para se alargar. Poder-se-ia dizer que o sujeito enunciador só tem controle de uso das suas informações quando elas ainda não adquiriram um corpo material, fixo e visível aos outros. Numa cultura oral, não há idéias reproduzidas e materializadas, mas, sim, recriações mentais, idéias móveis que circulam pela memória das pessoas ouvintes e falantes e por isso não cessam de ser originais. Na cultura escrita, o que se tem é o aparecimento das formas corpóreas das idéias. Sua materialização ou, mesmo, enunciação primeira,³ não tem a liberdade da palavra falada. É fixa e

³ Existe, pois, um primeiro momento de enunciação: o momento exato de sua concretização enquanto formato ou, mesmo, primeira linguagem. Em sua análise sobre a conformação dos mitos, Barthes (1999, p. 137) afirma:

Pode constatar-se, assim, que no mito existem dois sistemas semiológicos, um deles deslocado em relação ao outro: um sistema lingüístico, a língua (ou modos de representação que lhe são assimilados), que chamarei linguagem-objeto, porque é a linguagem de que o mito se serve para construir seu próprio sistema; e o próprio mito, a que chamarei meta-linguagem, porque é uma segunda língua na qual se fala da primeira.

Depois que o sujeito passa a estar expresso naquela criação, entra em um momento de anulação, supressão. E isso vai até que o homem vire suporte difusor, faça sua criação chegar ao “outro” (receptor) e iniciar outro momento de criação subjetiva. Cria-se, pois, uma forma parecida com a “meta-linguagem” proposta na análise dos mitos de Barthes: cria-se uma fala acerca daquele conceito materializado, uma reapropriação daquela “linguagem-objeto” que, antes, servira como instrumento de materialização da idéia do enunciador, uma nova subjetivação.

pode ser reproduzida e dizer exatamente a mesma coisa em diferentes (não em todos) contextos. Arrisco-me a dizer que a idéia, no determinado momento de sua aparição como palavra escrita, suplanta o sujeito enunciador que se transferiu para aquelas linhas e que, nessas mesmas linhas, colocou um pouco do seu sujeito. Isso acontece porque esses conceitos, tradições, crenças, etc, uma vez materializados em uma enunciação primeira, não precisam mais ser enunciados pelo seu criador; existem independentemente de uma vontade subjetiva. São! Dizem o que não mais se pode mudar para serem o que são, expressam o que passa a ter vida e que já existe na cabeça do receptor.

No momento em que a palavra escrita suplanta o sujeito enunciador, como já foi dito, ela deixa de ser uma tecnologia a serviço do homem, e o homem passa a ser um suporte a serviço de sua própria criação tecnológica. A palavra escrita passa a depender do homem para iniciar o surpreendente processo de modelagem desse mesmo homem que a concebeu. Passa a precisar do homem para ser sua carruagem de difusão, seu instrumento de parto: o ser que a mostrará ao “outro”. Habermas (1999), já no início da conformação de sua teoria da ação comunicativa, admite que esta ação só pode se desenvolver se existir o entendimento, entre enunciador e receptor, de que aquela mensagem é dotada de uma preliminar “validade”, que irá resultar numa ação eficaz de comunicação. Em outras palavras, funciona como se um enunciador “A” criasse uma mensagem, já pressupondo sua incontestável validade, para que esta mensagem chegue ao ator comunicativo “B”, que pretenderá concretizar as regras de racionalidade que dirão se sua ação comunicativa teve êxito ou não: se é fundamentada ou absurda perante os “códigos” subjetivos que irão julgar a “pertinência” de tal ação comunicativa. Percebe-se, pois, que o próprio Habermas, com essa colocação, admite que um processo comunicativo não se concretiza sem a presença do “outro”, sem a apropriação subjetiva do “ator comunicativo B”.

Existe aí uma necessidade comunicativa: a figura do outro. A mensagem tem que chegar ao “ator B”, e o homem passa a ser, em

toda a sua complexidade, apenas as rodas da locomotiva que transportará as idéias por ele mesmo criadas, o seu difusor. Inverte-se a questão: o homem deixa de ser o criador da tecnologia para se tornar uma tecnologia necessária à escrita. Passa a ser **o seu suporte**, o seu veículo de imortalidade. Para que se interprete o conteúdo fixo da escrita é necessário que o próprio homem se converta em uma tecnologia-suporte! Para reiniciar o processo de subjetivação, o homem passa, portanto, por um momento amorfo, sem autonomia. Deixa de dominar para ser dominado, deixa de possuir para ser possuído, deixa de ser o passageiro para ser a roda do carro...⁴

A segunda metamorfose

A segunda metamorfose do sujeito enunciatador é aquela que surge com o advento do momento chamado por McLuhan de “era da eletricidade”. Essa “era”, caracterizada por uma vertiginosa descentralização e velocidade nos processos de produção, recepção e interpretação de mensagens, entre suas várias características, faz com que o homem, em seu momento de anulação enunciativa, se converta em um suporte múltiplo. Isso se dá porque a concretização das suas tecnologias informacionais, agora, também, passa a ser operada com base em vários suportes (hoje conhecidos pela alcunha de suportes multimidiáticos). Logo, para se converter em instrumento de difusão e sustentação de suas próprias cargas informacionais (como foi visto no ponto anterior), o sujeito enunciatador tem que se metamorfosear em expressões múltiplas que possam transmitir as tecnologias já materializadas sob a sombra de uma amplitude ainda maior. A *Internet*, por exemplo, não é uma tecnologia da informação em si, mas, sim, a viabilização desse suporte múltiplo em que o homem teve que se transmutar. A *Internet* é a junção e difusão de um imenso universo

⁴ É preciso que se note que nesse momento de anulação do sujeito enunciatador o que acontece é o primeiro momento de vazio no processo comunicativo humano: o homem sente a necessidade de difundir o que exteriorizou pela palavra escrita porque sua mensagem só tem sentido se chegar ao “outro”, ao receptor que reiniciará o processo de subjetivação. Porque, só assim, a sua mensagem ganhará vida e terá razão de existir.

informativa. Ela existe para dar suporte a esse fluxo, é uma reprodução do homem sustentáculo, leva todas as suas características e não existe (assim como esse homem) fora do fluxo de informações que a sustenta.

Em outras palavras, a *Internet* não se resume à possibilidade de as pessoas trocarem experiências, se aproximarem ou, mesmo, de criarem novos paradigmas de comunicação. Em princípio, a *Internet* se transmuta em mais uma expressão do homem suporte. Ela é a sua ferramenta mais moderna de ultrapassagem do momento de anulação, uma viabilização de um fluxo informativo que anteriormente tinha ganhado vida e, agora, precisa se locomover. Em verdade, essa nova forma de interligação entre os sujeitos é o mais novo grupo de tentáculos do homem difusor.

Essa percepção não é facilmente apreendida justamente porque temos dificuldade em desmembrar o fluxo de informações que compõe as novas tecnologias da informação. É preciso que se foque o olhar em alguns pontos específicos e reveladores desse processo para que se entenda como a informação ganha vida e, com o auxílio das crescentes tecnologias, suplanta o sujeito criador. Com isso, admite-se a existência de um vácuo, um momento anestesiado que transforma o homem em zumbi e refém de sua própria informação. Ou seja, a comunicação não é feita de continuidade perpétua, é, sim, uma alternância de momentos vazios e cheios, de abundância e intensa crise.

Antes, na era da palavra escrita, momento da já citada primeira metamorfose, o homem experienciava (mesmo sem saber) um momento em que ficava refém da sua enunciação pelo motivo de precisar servir como suporte difusor às suas idéias. Neste momento, ele deixava de produzir ou, mesmo, de reformular objetos criativos para se anular em nome da vida de seus teoremas. Ou seja, em um determinado momento, as idéias passam a precisar do homem como um malote carregador ou encarregado pela entrega do conteúdo ao “outro”.⁵ Neste momento, ele entra no vazio, no recesso da criatividade,

⁵ Só existe uma pessoa capaz de interromper o momento de vazio e recriar a idéia antes que ela chegue ao “outro”: o próprio e enunciativo primeiro. Só ele pode resgatar à vida sua criação, quando ela ainda está imersa em um momento de silêncio. No entanto, ele não anula essa dinâmica do processo comunicativo, apenas corrige algum erro de sua obra para novamente atirá-la ao vácuo.

na fase de expectativa de aceitação da sua criação. Como diria Habermas (1999), ele espera que sua mensagem se fundamente. Então, só depois de atuar como difusor de suas idéias e de ser empregado delas, ele volta a produzir: volta ao estágio da criatividade, do conjunto cheio. Hoje acontece algo parecido com o surgimento de novas tecnologias informacionais, só que em uma velocidade infinitamente maior: em fração de segundos, o homem alterna do momento criativo ao vazio. No entanto (e essa é a tese deste artigo), a alternância continua a existir.

O que acontece é que, com as novas tecnologias informacionais, o homem potencializa seus fluxos, agiliza a alternância que lhe é base, para que assim possa se retirar o mais rápido possível da condição desconfortável de sujeito anulado.⁶ Segundo Biocca (1998, p. 202), um dos elementos da ascendente Realidade Virtual é a “telepresença”, a qual ele define como sendo

[...] o sentimento de estar de fato presente numa locação física distante. Em aplicações de telepresença, a tecnologia de realidade virtual é conectada a um sistema robótico fisicamente presente em alguma locação a distância. O usuário vê, toca e move-se pela locação fisicamente distante graças aos elos com os sensores de robôs (câmeras, microfones, sensores de toque e etc.) e atuadores (braços dos robôs).

Essa tecnologia virtual é um exemplo de que as novas tecnologias ligadas aos fluxos informacionais humanos são apenas aprimoramentos dos momentos do processo comunicativo. Isso fica claro se entendermos a “telepresença” como a materialização de uma habilidade comunicativa qualquer: digamos que o usuário dessa tecnologia a utilize

⁶ Quando se fala em anulação do sujeito, está-se referindo ao sujeito (subjetividade) expresso em uma determinada idéia materializada, e não ao homem em seu contexto físico ou mesmo em todo o seu potencial criador existente em outras coisas. Ou seja, o sujeito que se anula é aquele que está preso àquela enunciação primeira. Enunciação esta que não existe sem o encontro com o “outro”. Em um exemplo simples, poderíamos perceber esta questão: quando determinada pessoa escreve e imprime uma subjetivação primeira em um romance, ela o está passando para uma forma materializada (a forma impressa). Essa forma materializada, antes de chegar ao outro e antes de sofrer nova subjetivação, não existe. Logo, anula o sujeito que está expresso em suas páginas, perde o sentido, passa por um momento de vazio ou de mera “língua-objeto” ainda não ativada.

para elaborar algum conteúdo comunicativo a distância. Ele realizará sua tarefa, criará seu conteúdo e terá que difundir-lo de alguma maneira, terá que dar vida a esse conteúdo por algum outro meio (uma conexão com outro usuário, se transportando a outro local, etc.). Exatamente nesse momento ele estará se anulando para servir à sua criação informativa. Nesse momento, a tecnologia, que anteriormente o ajudou a criar o conteúdo a distância, lhe servirá também como um equipamento auxiliar na difusão, lhe servirá como instrumento de retirada e passagem pelo momento do vazio comunicativo.

Na verdade, não é o equipamento que anula sua criatividade, mas sim o usuário. Afinal, o equipamento, sozinho, nunca foi capaz de criar, é apenas uma ferramenta. Esse aspecto é cabal para que entendamos a segunda metamorfose do sujeito enunciativo e o porquê de tanto fascínio e entrega às novas formas de comunicação: a tecnologia quando vinculada a algum contexto informacional nada mais é do que uma ferramenta potencializadora da necessidade de difusão das idéias. O processo de entrega da mensagem (já transposto o antigo modelo de Lasswell⁷) é a vida da comunicação. A idéia concretizada, quando transforma o homem em sua locomotiva, o faz para que possa sobreviver e chegar ao “outro” que irá lhe reconstruir e passar adiante. As novas tecnologias são o reflexo desse período de “exigência” da mensagem. Elas nascem para satisfazer essa necessária vontade de chegada ao homem morador do remoto. Nascem, portanto, para anular o sujeito enunciativo e, ao mesmo tempo, para continuar dando vida às criações. Ou seja, para acelerar a alternância entre os momentos vazios e cheios do conjunto das criatividades.

⁷ “[...], noutro tipo de democracia, a representativa anglo-saxônica, Harold Lasswell (1948, p. 10): adicionou um novo elemento ao falante, o discurso e o ouvinte, um novo elemento: os efeitos. E sua famosa frase: ‘Uma maneira conveniente de escrever um ato de comunicação é responder às seguintes perguntas: quem diz o que, em que canal, para que, com que efeitos?’”, converteu-se no paradigma da comunicação no Ocidente. Segundo Luis Ramiro Beltrán (1980, p. 2), ‘o paradigma de Lasswell conquistou uma adesão rápida e maciça’. Talvez porque o conceito de ‘efeito’ legitimava a persuasão em massa que a indústria e a política já exerciam através da publicidade e da propaganda. O conceito também legitimava a pedagogia autoritária e manipuladora aplicada naquele tempo em escolas e universidades”. (BORDENAVE, 1998, p. 229).

Conclusão

Conclui-se, portanto, que as tecnologias da informação criadas pelo homem são personagens importantes nos momentos de intensa metamorfose da criação e apreensão de mensagens comunicativas. O sujeito enunciatador, como protagonista desse processo, continua sendo o principal exemplo desse mimetismo recorrente e, ainda, misterioso. A enunciação foi se transmutando para se adaptar às “exigências” de sustentação que os conteúdos vivos exigiam. Esses conteúdos, por sua vez, se desprenderam dos seus produtores e criaram uma nova existência em busca do “outro”. No entanto, essa nova existência se mostrou capenga, visto que, no momento desse desprendimento, o homem se tornou (e se torna) uma tecnologia locomotiva de suas próprias idéias. Ele se transforma em um suporte voluntário, porque também é de seu interesse que as mensagens ganhem vida. Afinal, sua finalidade (do homem expresso na mensagem) é a comunicação.

As tecnologias informacionais nascentes são o aperfeiçoamento desse processo. O aperfeiçoamento do momento do homem criativo e, também, do homem convergido em mera tecnologia amorfa, em uma sombra da vida de seus próprios conceitos em um ser perambulando num vácuo criativo momentâneo, característico do processo comunicativo.

As tecnologias da informação são, também, acelerações do “momento do homem suporte”, uma tentativa de passagem rápida pelo momento da instrumentalização do ser pelas idéias concretizadas nos diversos suportes midiáticos. Trata-se de um instrumento que, como o homem, é dotado de duas ligações com as informações veiculadas, um “aparelho” que potencializa um momento criativo e, logo em seguida, agiliza a retirada do homem da penumbra. As tecnologias da informação acompanham e ajudam o homem em suas metamorfoses comunicativas e em seus silêncios medíocres. Essa é a sua razão de existir, e, finalmente, é daí que flui o seu fascínio!

**THE SUPPORT MAN: THE ENUNCIATOR SUBJECT'S
METAMORPHOSIS IN FRONT OF HIS TECHNOLOGIES OF
INFORMATION ACHIEVEMENT**

Abstract: This article makes a reflection about the metamorphosis suffered by the enunciator subject of messages and producer of the meanings in the human societies: taking into account an argument which focus, mainly, the subject's communicative evolutions, the text propose itself to discuss a new understanding of communicative streams as regards technologic information achievements, and the reason of existence and necessity of new techniques and communicative features to the humans during their own history. To get till others conclusions, the article resorts, mostly, to the canadian teacher thought, Marshall McLuhan, and Roland Barthes semiology too, and taking into base his thoughts concerning linguistic and communication matters, trying to turn out to own formulation of the human message flows.

Key words: Communication streams. Enunciator subject. Metamorphosis. Technologies of information.

Referências

BARTHES, Roland. **Mitologias**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BENJAMIM, Walter. **A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução**. São Paulo: Abril Cultural, 1975. (Coleção os pensadores: história das grandes idéias do mundo ocidental, v. XLVII, p. 10-34).

BIOCCA, Frank. Realidade virtual: o extremo limite da multimídia. In: RECTOR, Mônica; NEIVA, Eduardo. (Org.). **Comunicação na era pós-moderna**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 200-225.

BORDENAVE, Juan D. Comunicação e desenvolvimento social: o novo paradigma. In: RECTOR, Mônica; NEIVA, Eduardo. (Org.). **Comunicação na era pós-moderna**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 229-237.

COSENDEY, Marcelo. Quarup: cinco aspectos de uma vivência. **Uapê: Revista de cultura**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 2, mar. 2000.

HABERMAS, Jürgen. **Teoría de la acción comunicativa I:** racionalidad de la acción y racionalización social. Madrid: Taurus, 1999.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** 12. ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

SÓFOCLES. **Antígona.** Rio de Janeiro: Otto Pierre, 1980.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna:** teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.

Artigo recebido em: 01/11/2006

Aprovado para publicação em: 15/03/200